

## DOMINGO I DO ADVENTO

### CIC 668-677, 769: a tribulação final e a vinda de Cristo na glória

CRISTO REINA, DESDE JÁ, PELA IGREJA...

- 668** «Cristo morreu e voltou à vida para ser Senhor dos mortos e dos vivos» (*Rm* 14, 9). A ascensão de Cristo aos céus significa a sua participação, na sua humanidade, no poder e autoridade do próprio Deus. Jesus Cristo é Senhor: Ele possui todo o poder nos céus e na Terra. Está «acima de todo o principado, poder, virtude e soberania», porque o Pai «tudo submeteu a seus pés» (*Ef* 1, 20-22). Cristo é o Senhor do cosmos<sup>1</sup> e da história. N'Ele, a história do homem, e até a criação inteira, encontram a sua «recapitulação»<sup>2</sup>, o seu acabamento transcendente.
- 669** Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é o seu corpo<sup>3</sup>. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente a sua missão, continua na terra por meio da Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em virtude do Espírito Santo, exerce sobre a Igreja<sup>4</sup>. «O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja»<sup>5</sup>, «gérmen e princípio deste mesmo Reino na Terra»<sup>6</sup>.
- 670** Depois da ascensão, o desígnio de Deus entrou na sua consumação. Estamos já na «última hora» (*1 Jo* 2, 18)<sup>7</sup>. «Já chegou pois, a nós, a plenitude dos tempos, a renovação do mundo já está irrevogavelmente adquirida e, de certo modo, encontra-se já realmente antecipada neste tempo: com efeito, ainda aqui na Terra, a Igreja está aureolada de uma verdadeira, embora imperfeita, santidade»<sup>8</sup>. O Reino de Cristo manifesta já a sua presença pelos sinais miraculosos<sup>9</sup> que acompanham o seu anúncio pela Igreja<sup>10</sup>.

... À ESPERA DE QUE TUDO LHE SEJA SUBMETIDO

- 671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc* 21, 27)<sup>11</sup> pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda

<sup>1</sup> Cf. *Ef* 4, 10; *1 Cor* 15, 24.27-28.

<sup>2</sup> Cf. *Ef* 1, 10.

<sup>3</sup> Cf. *Ef* 1, 22.

<sup>4</sup> Cf. *Ef* 4, 11-13.

<sup>5</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

<sup>6</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

<sup>7</sup> Cf. *1 Pe* 4, 7.

<sup>8</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

<sup>9</sup> Cf. *Mc* 16, 17-18.

<sup>10</sup> Cf. *Mc* 16, 20.

<sup>11</sup> Cf. *Mt* 25, 31.

é atacado pelos poderes do mal<sup>12</sup>, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido<sup>13</sup>, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»<sup>14</sup>. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia<sup>15</sup>, para que se apresse o regresso de Cristo<sup>16</sup>, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap* 22, 20)<sup>17</sup>.

- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel<sup>18</sup>, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas<sup>19</sup>, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho<sup>20</sup>; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»<sup>21</sup> e pela provação do mal<sup>22</sup>, que não poupa a Igreja<sup>23</sup> e inaugura os combates dos últimos dias<sup>24</sup>. É um tempo de espera e de vigília<sup>25</sup>.

#### A VINDA GLORIOSA DE CRISTO, ESPERANÇA DE ISRAEL

- 673** A partir da ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente<sup>26</sup>, mesmo que não nos «pertença saber os tempos ou os momentos que o Pai determinou com a sua autoridade» (*Act* 1, 7)<sup>27</sup>. Este advento escatológico pode realizar-se a qualquer momento<sup>28</sup>, ainda que esteja «retido», ele e a provação final que o há-de preceder<sup>29</sup>.
- 674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história<sup>30</sup>, do seu reconhecimento por «todo o Israel»<sup>31</sup>, do qual «uma parte se endureceu»<sup>32</sup> na «incredulidade» (*Rm* 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou

<sup>12</sup> Cf. *2 Ts* 2, 7.

<sup>13</sup> Cf. *1 Cor* 15, 28.

<sup>14</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

<sup>15</sup> Cf. *1 Cor* 11, 26.

<sup>16</sup> Cf. *2 Pe* 3, 11-12.

<sup>17</sup> Cf. *1 Cor* 16, 22; *Ap* 22, 17.

<sup>18</sup> Cf. *Act* 1, 6-7.

<sup>19</sup> Cf. *Is* 11, 1-9.

<sup>20</sup> Cf. *Act* 1, 8.

<sup>21</sup> Cf. *1 Cor* 7, 26.

<sup>22</sup> Cf. *Ef* 5, 16.

<sup>23</sup> Cf. *1 Pe* 4, 17.

<sup>24</sup> Cf. *1 Jo* 2, 18; 4, 3; *1 Tm* 4, 1.

<sup>25</sup> Cf. *Mt* 25, 1-13; *Mc* 13, 33-37.

<sup>26</sup> Cf. *Ap* 22, 20.

<sup>27</sup> Cf. *Mc* 13, 32.

<sup>28</sup> Cf. *Mt* 24, 44; *1 Ts* 5, 2.

<sup>29</sup> Cf. *2 Ts* 2, 3-12.

<sup>30</sup> Cf. *Rm* 11, 31.

<sup>31</sup> Cf. *Rm* 11, 26; *Mt* 23, 39.

<sup>32</sup> Cf. *Rm* 11, 25.

pela boca dos seus santos profetas de outrora» (*Act* 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (*Rm* 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus<sup>33</sup> na salvação messiânica, a seguir à «conversão total dos pagãos»<sup>34</sup>, dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (*1 Cor* 15, 2).

#### A ÚLTIMA PROVA DA IGREJA

- 675** Antes da vinda de Cristo, a Igreja deverá passar por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes<sup>35</sup>. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra<sup>36</sup>, porá a descoberto o «mistério da iniquidade», sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado<sup>37</sup>.
- 676** Esta impostura anticristica já se esboça no mundo, sempre que se pretende realizar na história a esperança messiânica, que não pode consumir-se senão para além dela, através do juízo escatológico. A Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro, mesmo na sua forma mitigada, sob o nome de milenarismo<sup>38</sup>, e principalmente sob a forma política dum messianismo secularizado, «intrinsecamente perverso»<sup>39</sup>.
- 677** A Igreja não entrará na glória do Reino senão através dessa última Páscoa, em que seguirá o Senhor na sua morte e ressurreição<sup>40</sup>. O Reino não se consumará, pois, por um triunfo histórico da Igreja<sup>41</sup> segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o último desencadear do mal<sup>42</sup>, que fará descer do céu a sua Esposa<sup>43</sup>. O triunfo de Deus sobre a revolta do mal tomará a forma de Juízo final<sup>44</sup>, após o último abalo cósmico deste mundo passageiro<sup>45</sup>.

#### A IGREJA – CONSUMADA NA GLÓRIA

- 769** «A Igreja [...] só na glória celeste alcançará a sua realização acabada»<sup>46</sup>, aquando do regresso glorioso de Cristo. Até esse dia, «a Igreja avança na sua peregrina-

<sup>33</sup> Cf. *Rm* 11, 12.

<sup>34</sup> Cf. *Rm* 11, 25; *Lc* 21, 24.

<sup>35</sup> Cf. *Lc* 18, 8; *Mt* 24, 12.

<sup>36</sup> Cf. *Lc* 21, 12; *Jo* 15, 19-20.

<sup>37</sup> Cf. *2 Ts* 2, 4-12; *1 Ts* 5, 2-3; *2 Jo* 7; *1 Jo* 2, 18.22.

<sup>38</sup> Cf. SANTO OFÍCIO, *Decretum de millenarismo* (19 de Julho de 1944): DS 3839.

<sup>39</sup> Cf. Pio XI, Enc. *Divini Redemptoris* (19 de Março de 1937): AAS 29 (1937) 65-106, condenando o «falso misticismo» desta «simulação da redenção dos humildes» (p. 69); II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 20-21: AAS 58 (1966) 1040-1042.

<sup>40</sup> Cf. *Ap* 19, 1-9.

<sup>41</sup> Cf. *Ap* 13, 8.

<sup>42</sup> Cf. *Ap* 20, 7-10.

<sup>43</sup> Cf. *Ap* 21, 2-4.

<sup>44</sup> Cf. *Ap* 20, 12.

<sup>45</sup> Cf. *2 Pe* 3, 12-13.

<sup>46</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

ção por entre as perseguições do mundo e das consolações de Deus»<sup>47</sup>. Vivendo na terra, ela tem consciência de viver no exílio, longe do Senhor<sup>48</sup> e suspira pelo advento do Reino em plenitude, pela hora em que «espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória»<sup>49</sup>. A consumação da Igreja – e através dela, do mundo – na glória, não se fará sem grandes provações. Só então é que «todos os justos, desde Adão, “desde o justo Abel até ao último eleito”, se encontrarão reunidos na Igreja universal junto do Pai»<sup>50</sup>.

#### **CIC 451, 671, 1130, 1403, 2817: “Vem, Senhor Jesus!”**

**451** A oração cristã é marcada pelo título de «Senhor», quer no convite à oração: «O Senhor esteja convosco», quer na conclusão da mesma: «Por nosso Senhor Jesus Cristo», quer ainda pelo grito cheio de confiança e de esperança: «Maranatha» («O Senhor vem!») ou «Marana tha» («Vem, Senhor!») (*1 Cor 16, 22*): «Amen, vem, Senhor Jesus!» (*Ap 22, 20*).

**671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc 21, 27*)<sup>51</sup> pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal<sup>52</sup>, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido<sup>53</sup>, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»<sup>54</sup>. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia<sup>55</sup>, para que se apresse o regresso de Cristo<sup>56</sup>, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap 22, 20*)<sup>57</sup>.

**1130** A Igreja celebra o mistério do seu Senhor «até que Ele venha» e «Deus seja tudo em todos» (*1 Cor 11, 26; 15, 28*). Desde a era Apostólica, a liturgia é atraída para o seu termo pelo gemido do Espírito na Igreja: «*Marana tha!*» (*1 Cor 16, 22*). A liturgia participa, assim, no desejo de Jesus: «Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa [...], até que ela se realize plenamente no Reino de Deus» (*Lc 22, 15-16*). Nos sacramentos de Cristo, a Igreja recebe já as arras da sua herança e já participa na vida eterna, embora «aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo» (*Tt 2, 13*). «O Espírito e a esposa dizem: “Vem!” [...] «Vem, Senhor Jesus!» (*Ap 22, 17.20*).

<sup>47</sup> SANTO AGOSTINHO, *De Civitate Dei* 18, 51 CSEL 40/2, 534 (PL 41, 614); cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

<sup>48</sup> Cf. *2 Cor 5, 6*; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 9.

<sup>49</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 6.

<sup>51</sup> Cf. *Mt 25, 31*.

<sup>52</sup> Cf. *2 Ts 2, 7*.

<sup>53</sup> Cf. *1 Cor 15, 28*.

<sup>54</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

<sup>55</sup> Cf. *1 Cor 11, 26*.

<sup>56</sup> Cf. *2 Pe 3, 11-12*.

<sup>57</sup> Cf. *1 Cor 16, 22; Ap 22, 17*.

São Tomás de Aquino define assim as diferentes dimensões do sinal sacramental: «*Sacramentum est et signum rememorativum eius quod praecessit, scilicet passionis Christi; et demonstrativum eius quod in nobis efficitur per Christi passionem, scilicet gratiae; et prognosticum, id est, praenuntiativum futurae gloriae* – O sacramento é sinal rememorativo daquilo que o precedeu, ou seja, da paixão de Cristo; e demonstrativo daquilo que em nós a paixão de Cristo realiza, ou seja, da graça; e prognóstico, quer dizer, que anuncia de antemão a glória futura»<sup>58</sup>.

**1403** Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (*Mt 26, 29*)<sup>59</sup>. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (*Ap 1, 4*). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (*1 Cor 16, 22*), «Vem, Senhor Jesus!» (*Ap 22, 20*), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»<sup>60</sup>.

**2817** Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso sangue aos habitantes da terra?” (*Ap 6, 10*). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»<sup>61</sup>.

### **CIC 2729-2733: a humilde vigilância do coração**

**2729** A dificuldade habitual da nossa oração é a *distracção*. Pode ter por objecto as palavras e o seu sentido, na oração vocal; mais profundamente, pode incidir sobre Aquele a Quem rezamos, na oração vocal (litúrgica ou pessoal), na meditação e na contemplação. Partir à caça das distrações seria cair nas suas ciladas; basta regressar ao nosso coração: uma distração revela-nos aquilo a que estamos apegados e esta humilde tomada de consciência diante do Senhor deve despertar o nosso amor preferencial por Ele, oferecendo-Lhe resolutamente o nosso coração para que Ele o purifique. É aí que se situa o combate: na escolha do Senhor a quem servir<sup>62</sup>.

**2730** Positivamente, o combate contra o nosso eu, possessivo e dominador, consiste na *vigilância*, a sobriedade do coração. Quando Jesus insiste na vigilância, esta refere-se sempre a Ele, à sua vinda, no último dia e em cada dia: «hoje». O Esposo chega a meio da noite. A luz que não se deve extinguir é a da fé: «Diz-me o coração: “Procura a sua face”» (*Sl 27, 8*).

<sup>58</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 60, a. 3 c.: Ed. Leon. 12, 6.

<sup>59</sup> Cf. *Lc 22, 18*; *Mc 14, 25*.

<sup>60</sup> *Didaké 10, 6*: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici 1, 24*).

<sup>61</sup> TERTULIANO, *De oratione*, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).

<sup>62</sup> Cf. *Mt 6, 21.24*.

**2731** Outra dificuldade, especialmente para os que querem rezar com sinceridade, é a *aridez*. Faz parte da oração em que o coração está seco, sem gosto pelos pensamentos, lembranças e sentimentos, mesmo espirituais. É o momento da fé pura, que aguenta fielmente ao lado de Jesus na agonia e no sepulcro. «Se o grão de trigo morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24). Se a aridez for devida à falta de raiz, por a Palavra ter caído em terreno pedregoso, o combate entra no campo da conversão<sup>63</sup>.

#### PERANTE AS TENTAÇÕES NA ORAÇÃO

**2732** A tentação mais comum e a mais oculta é a nossa *falta de fé*. Exprime-se menos por uma incredulidade declarada do que por uma preferência de facto. Quando começamos a orar, mil trabalhos e preocupações, julgados urgentes, apresentam-se-nos como prioritários. É mais uma vez o momento da verdade do coração e do seu amor preferencial. Uma vez, voltamo-nos para o Senhor como nosso último recurso: mas será que acreditamos mesmo n'Ele? Outras vezes, tomamos o Senhor como aliado, mas conservamos o cheio de presunção. Em todos os casos, a nossa falta de fé revela que ainda não temos as disposições de um coração humilde: «Sem Mim, *nada* podereis fazer» (Jo 15, 5).

**2733** Outra tentação, à qual a presunção abre a porta, é a *acédia*. Os Padres espirituais entendem por ela uma forma de depressão devida ao relaxamento da ascese, à diminuição da vigilância, à negligência do coração. «O espírito está decidido, mas a carne é fraca» (Mt 26, 41). Quanto de mais alto se cai, mais magoado se fica. O desânimo doloroso é o reverso da presunção. Quem é humilde não se admira da sua miséria; ela leva-o a ter mais confiança e a manter-se firme na constância.

<sup>63</sup> Cf. Lc 8, 6.13.